

ANATOMIA COMPARADA DAS VAGENS DE CULTIVARES E FORMAS SILVESTRES DE FEIJÃO (*Phaseolus vulgaris* L. - Fabaceae)

Patrícia de Queiroz Torres¹
Heloisa Torres da Silva²

Entre os alimentos de primeira necessidade, o feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.), em virtude de sua vasta distribuição pelo mundo, é uma das espécies mais cultivadas. Tendo evoluído de formas silvestres, durante este processo de evolução, adquiriu mudanças marcantes que têm afetado suas partes vegetativas e reprodutivas.

Com o objetivo de comparar a estrutura anatômica das vagens de feijões cultivados e formas silvestres e identificar diferenças quantitativas entre o tecido esclerenquimático que possam influenciar no mecanismo de deiscência, foi realizado um estudo, em condições de telado, com quatro genótipos de *Phaseolus vulgaris* L., sendo dois cultivados, cv. Safira e linhagem RH7-33, e dois silvestres, G12929 e G13030. As vagens foram coletadas dos cinco aos 30 dias de desenvolvimento, em intervalos de cinco dias e, posteriormente, foram feitos cortes anatômicos para a confecção de lâminas, observações microscópicas e quantificação dos tecidos.

Os resultados mostraram que a estrutura anatômica das vagens das formas silvestres, apesar de não diferir em sua organização dos feijões cultivados, apresenta, entretanto, algumas diferenças quanto ao tamanho, número de camadas de células e desenvolvimento dos tecidos (Figura 1).

Existe variabilidade entre os feijões cultivados e formas silvestres quanto à área e ao grau de espessura das fibras esclerenquimáticas das vagens. Entre os cultivados, a linhagem RH7-33 destacou-se por apresentar menor área e espessura do tecido fibroso (Figura 2), características que colaboram para vagens mais resistentes à deiscência e que confirmam as observações morfológicas de textura e grau de deiscência desse material após a colheita. Para o melhoramento genético, genótipos de feijoeiro com esta característica, entre outras, são mais indicados para obtenção de cultivares com vagens resistentes à degrana e melhor adaptados à colheita mecanizada.

¹ Professor, Universidade Católica de Goiás (UCG), Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Pesquisador, M.Sc., EMBRAPA - Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAP), Caixa Postal 179, 74001-970 Goiânia, GO.

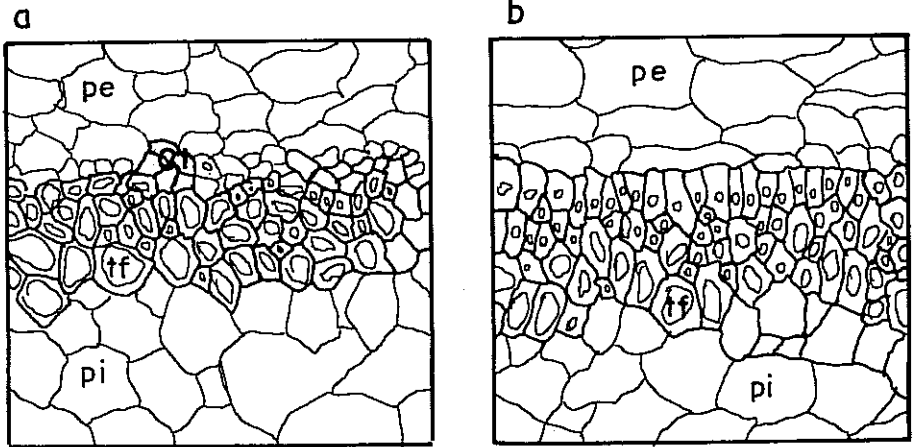


FIG. 1. Estrutura anatômica da parede da vagem de feijão, linhagem RH7-33 (a) e forma silvestre G 12929 (b), em corte diagonal (pe = parênquima externo; tf = tecido fibroso; pi = parênquima interno; ct = células de transição).

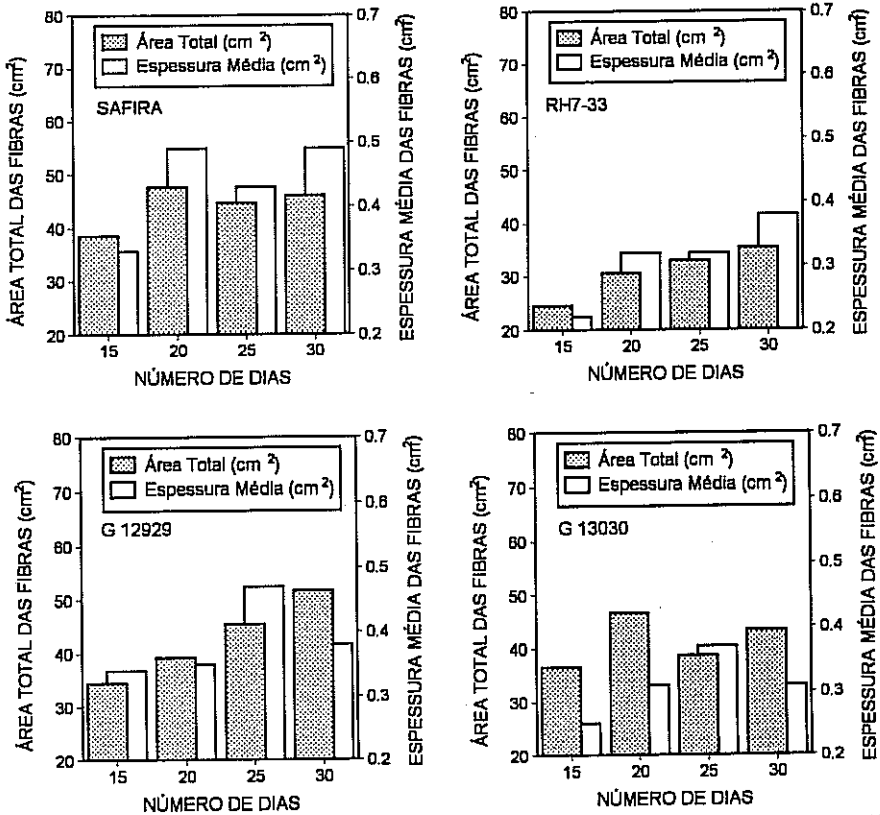


FIG. 2. Área total e espessura média (cm²) das valvas das vagens de feijão, aos 15, 20, 25 e 30 dias de desenvolvimento.